

## INFLAÇÃO

# Análise e projeções de inflação

## Sumário

Os dados mais recentes mostram que o processo de desinflação da economia brasileira segue em curso, beneficiado por um desempenho ainda mais favorável dos preços dos bens livres e por uma alta menos intensa dos preços administrados. No acumulado em doze meses, até novembro, a taxa de inflação brasileira, medida pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), é de 4,7%, situando-se 1,2 ponto percentual (p.p.) abaixo da observada no mesmo período do ano anterior. No ano, a variação de preços apontada pelo IPCA é de 4,0%.

Com efeito, embora o principal foco de pressão sobre a inflação em 2023 tenha origem no comportamento dos preços administrados, com variação, no ano, de 8,8%, deve-se ressaltar que, na margem, esse grupo vem apresentando uma trajetória mais benevolente, repercutindo, sobretudo, a queda do preço da gasolina, nos últimos meses, proporcionada pelo recuo das cotações internacionais do petróleo, combinado à recente apreciação cambial. Adicionalmente, a melhora no desempenho dos alimentos e dos bens industriais, especialmente dos bens de consumo duráveis, com deflações acumuladas no ano de 1,8% e 0,54%, respectivamente, explica esse quadro de maior alívio inflacionário em 2023. Deve-se registrar, ainda, que, mesmo diante de uma trajetória de desaceleração, a resiliência da inflação dos serviços livres, com alta de 5,6% no ano, vem impedindo um recuo ainda mais intenso dos índices de preços correntes.

Nessa perspectiva, as projeções para o IPCA e para o Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC), em 2023, foram revistas para baixo. No caso do IPCA, a alta prevista no ano foi reduzida de 4,8% para 4,6%, refletindo uma deflação mais intensa dos alimentos – dado que a queda projetada para o ano passou de -0,7% para -1,0% –, além do recuo das estimativas de inflação dos bens industriais e dos preços administrados, cujas taxas de variação projetadas retroagiram de 2,2% e 10,0% para 1,3% e 9,2%, respectivamente. Em contrapartida, levando-se em consideração o fato de que a desaceleração dos preços dos serviços vem acontecendo em ritmo mais moderado, a inflação esperada para esse grupo avançou de 5,1% para 5,9%. De forma semelhante, para o INPC, a taxa prevista para 2023 passou de 4,5% para 4,2%, tendo em vista que as inflações projetadas para os alimentos no domicílio, os bens industriais e os preços administrados recuaram de -0,8%, 2,6% e 9,7% para -1,1%, 1,6% e 9,1%, respectivamente. Por outro lado, a taxa esperada para os serviços livres saltou de 5,3% para 5,7%.

Em relação a 2024, as projeções do Grupo de Conjuntura indicam que esse processo de decompressão inflacionária deve se manter, pois as altas previstas tanto para o

**Maria Andréia Parente Lameiras**

Técnica de planejamento e pesquisa na Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea

maria-andreia.lameira@ipea.gov.br

**Marcelo Lima de Moraes**

Assistente de pesquisa na Disoc/Ipea

marcelo.moraes@ipea.gov.br

Divulgado em 19 de dezembro de 2023.

IPCA (4,0%) quanto para o INPC (3,8%) se encontram em patamares abaixo dos projetados para 2023. Segundo as nossas estimativas, o alívio inflacionário no próximo ano virá da desaceleração dos preços administrados e, em menor intensidade, da melhora do comportamento dos serviços livres. No caso dos preços administrados, as taxas previstas de 4,4% no IPCA e de 4,2% no INPC estão baseadas, em grande parte, em um desempenho mais favorável dos combustíveis. Já para os serviços livres, as altas projetadas de 5,0% e 4,7%, no IPCA e no INPC, repercutem um crescimento mais moderado da demanda, tendo em vista o arrefecimento da atividade econômica estimado para 2024.

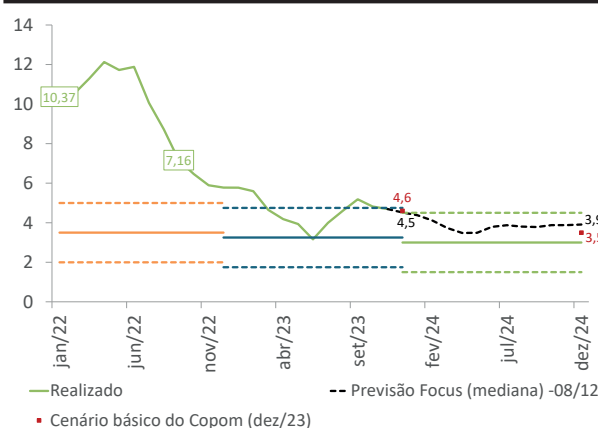
Em contrapartida, os alimentos e os bens industriais devem apresentar taxas de inflação mais altas no ano que vem, mesmo diante de um cenário de estabilidade de *commodities* e câmbio. Em relação aos alimentos no domicílio, além da projeção de uma safra 2,8% menor que a registrada em 2023, os efeitos climáticos causados pelo El Niño também devem prejudicar parte da produção de frutas, verduras e legumes, sobretudo no primeiro quadrimestre do ano. Dessa forma, as altas projetadas para os alimentos em 2024 são de 3,9% no IPCA e de 4,1% no INPC. No que diz respeito aos bens industriais, as estimativas de uma inflação maior para esse segmento, com taxas previstas de 2,1% no IPCA e de 1,9% no INPC decorrem, em grande parte, de uma recuperação dos preços dos bens de consumo duráveis, reverberando uma melhora nas condições de crédito e no nível de endividamento das famílias.

Deve-se destacar, no entanto, que não estão descartados riscos inflacionários adicionais, que podem limitar esse processo de desinflação em 2024. Por certo, além da ocorrência de efeitos climáticos ainda mais intensos, reversões nas trajetórias das *commodities* – especialmente as energéticas – e do câmbio podem resultar em taxas de variações de preços mais elevadas.

## 1 Inflação: aspectos gerais e projeções

Ao longo do último trimestre, os dados mostram que o processo de desinflação da economia brasileira vem se intensificando, beneficiado pela melhora no comportamento dos bens livres, sobretudo, dos alimentos e dos bens de consumo duráveis. Por certo, mesmo diante de uma aceleração da taxa acumulada em doze meses, entre julho e setembro, por conta do expurgo das deflações registradas no mesmo trimestre em 2022, a inflação brasileira, medida pelo IPCA, já voltou a recuar, de modo que, em novembro de 2023, a alta apurada de 4,7% é 1,2 p.p. inferior à observada no mesmo período do ano passado. Não obstante esse desempenho mais favorável dos bens livres, a trajetória de alta mais amena dos preços administrados, nos últimos meses, também contribuiu para que as expectativas de inflação para o ano fossem desacelerando, mesmo diante de um cenário marcado por uma descompressão dos preços dos serviços menos intensa. Segundo as expectativas de mercado – retratadas no relatório *Focus* do Banco Central do Brasil (BCB) –, a inflação medida pelo IPCA deve ficar em 4,5% em 2023, atingindo um patamar bem abaixo do observado em 2022 (5,7%). De modo semelhante, o cenário-base do Comitê de Política Monetária (Copom), em dezembro, também projeta uma alta de preços menos intensa (4,6%) para o ano corrente, comparativamente à registrada no ano anterior (gráfico 1).

GRÁFICO 1  
IPCA: taxa de variação acumulada em doze meses e metas de inflação  
(Em %)



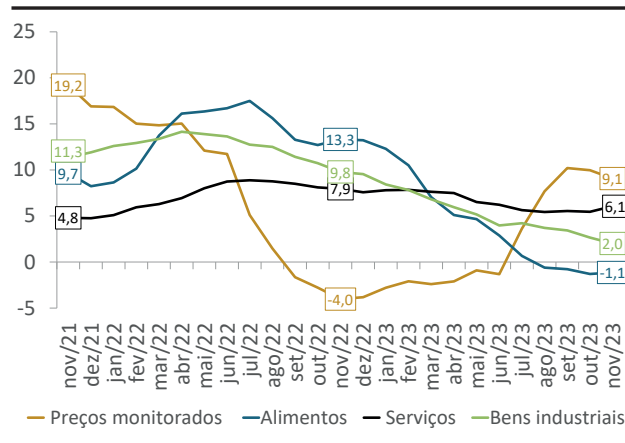
Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); BCB.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Ao longo do ano, os dados desagregados mostram que, a despeito de uma alta menos expressiva que a projetada anteriormente, o principal foco de pressão inflacionária veio dos preços administrados (gráfico 2), com variação de 9,1%, nos últimos doze meses, encerrados em novembro, impactados, sobretudo, pelos reajustes da energia elétrica (9,1%), da gasolina (11,3%) e dos planos de saúde (12%). Em contrapartida, o desempenho dos bens industriais (2,0%) e dos alimentos (-1,1%) continuam surpreendendo favoravelmente, beneficiados pelo bom comportamento das *commodities* industriais e agrícolas e pela apreciação cambial de 7,0%, nos últimos doze meses. Adicionalmente, mesmo diante de certa resiliência, a inflação dos serviços livres também mostra uma trajetória mais benevolente, dado que, no acumulado em doze meses, a taxa de variação de preços nesse segmento recuou de 8,0%, em novembro de 2022, para 6,1%, em novembro de 2023. Por fim, deve-se registrar, ainda, que essa desaceleração da inflação em 2023, possibilitada, em grande parte, pela queda dos preços dos alimentos, vem sendo ainda mais significativa nas classes de renda baixa, tendo em vista o peso desse grupo de itens no orçamento das famílias de menor poder aquisitivo. No acumulado do ano, enquanto a inflação apurada no segmento de renda muito baixa é de 2,6%, a taxa registrada no estrato de renda alta é de 5,6%.

GRÁFICO 2

IPCA: taxa de variação acumulada em doze meses – total e categorias

(Em %)



Fonte: IBGE.

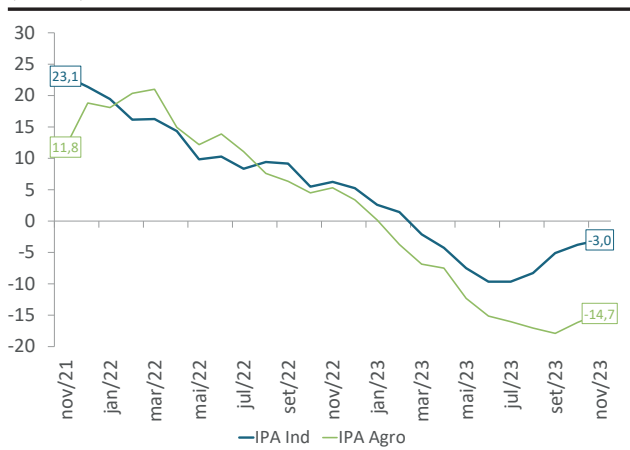
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Assim como o esperado, a melhora no comportamento dos preços dos alimentos e dos bens industriais ao consumidor reflete uma trajetória ainda mais benevolente dos preços no atacado (gráfico 3). De acordo com o Índice de Preços ao Produtor Amplo (IPA), em que pese alguma aceleração, na margem, tanto os preços agrícolas quanto os industriais ainda registram deflações expressivas no acumulado em doze meses, com quedas de 14,7% e 3,0%, respectivamente. Por certo, mesmo diante de um cenário de acomodação das cotações das *commodities* agrícolas e industriais, no mercado internacional, a desaceleração das *commodities* energéticas e a apreciação cambial, nos últimos meses, vêm proporcionando uma descompressão nos custos de produção (gráfico 4).

GRÁFICO 3

IPA: taxa de variação acumulada em doze meses

(Em %)



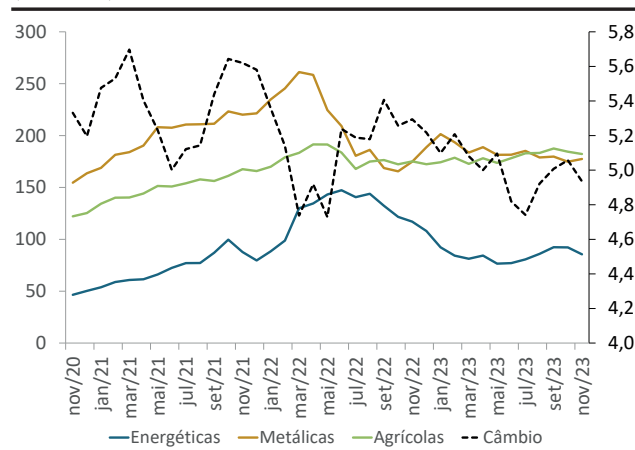
Fonte: Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 4

Índice de *commodities* e taxa de câmbio

(Em US\$)



Fonte: BCB.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Obs.: Dez./2005=100 e taxa de câmbio R\$/US\$.

Não obstante essa melhora nos índices de preços, o processo de descompressão inflacionária pelo qual a economia brasileira vem passando é ratificado pelo desempenho mais favorável dos indicadores de núcleo e de difusão da inflação. No que diz respeito aos núcleos, observa-se que há em curso uma clara trajetória de desaceleração (gráfico 5), de modo que, na média, essas métricas já registram variações em doze meses (4,73%) dentro do intervalo de tolerância da meta de inflação. No caso do índice de difusão, os dados indicam que, na média móvel do último trimestre, encerrado em novembro, esse indicador alcançou patamar de 0,49% (gráfico 6).

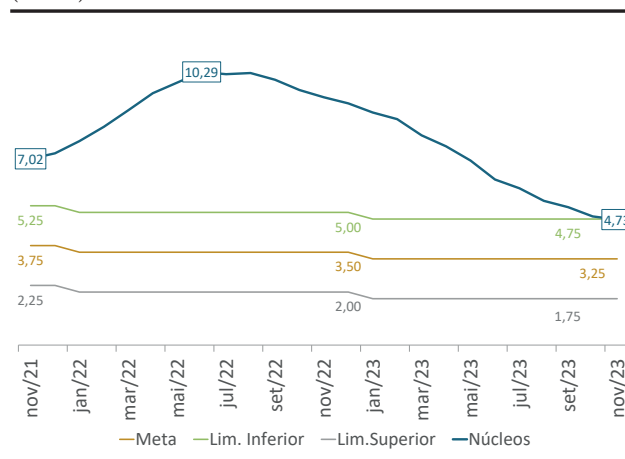
Com base nesse cenário de inflação corrente ainda mais benigno, as projeções inflacionárias feitas pelo Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea para 2023 foram, novamente, revistas para baixo. De fato, além de uma pressão menos intensa dos preços administrados, a previsão de uma trajetória ainda mais benevolente dos alimentos e dos bens industriais – ante o projetado anteriormente – gerou uma redução das estimativas de inflação para o ano, mesmo em um contexto de alta esperada um pouco maior para os serviços livres. Dessa forma, a previsão para o IPCA, em 2023, foi reduzida de 4,8% para 4,6% (tabela 1), refletindo uma deflação mais intensa dos alimentos – dado que a queda projetada para o ano passou de -0,7% para -1,0% – e uma melhora nas estimativas de inflação dos bens industriais e dos preços administrados, cujas taxas de variação projetadas recuaram de 2,2% e 10,0% para 1,3% e 9,2%, respectivamente. Em contrapartida, a inflação esperada para os serviços livres avançou de 5,1% para 5,9%.

TABELA 1  
**IPCA: projeção para 2023**  
 (Em % e p.p.)

	Peso	Projeção anterior - Setembro/23		Projeção atual - Dezembro/23	
		Previsão da taxa de variação	Contribuição para o IPCA 2023	Previsão da taxa de variação	Contribuição para o IPCA 2023
Alimentos no domicílio	16,0	-0,7	-0,1	-1,0	-0,2
Bens Livres - exceto alimentos	23,5	2,2	0,5	1,3	0,3
Serviços - totais	34,6	5,1	1,8	5,9	2,0
Serviços - exceto educação	29,7	4,6	1,4	5,5	1,6
Educação	5,0	8,3	0,4	8,3	0,4
Administrados	25,9	10,0	2,6	9,2	2,4
IPCA	100,0	4,8		4,6	

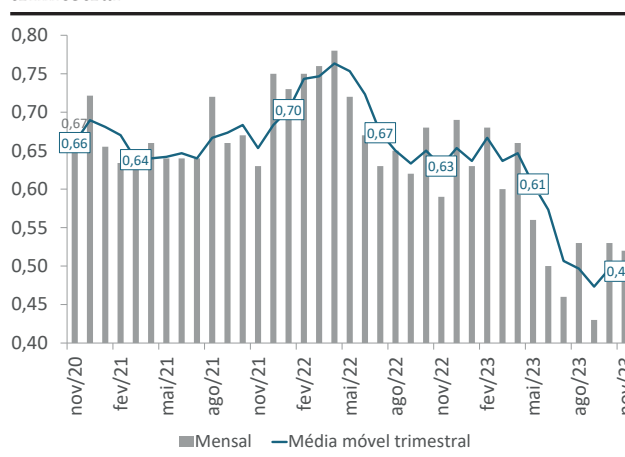
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 5  
**IPCA: média de núcleos acumulada em doze meses**  
 (Em %)



Fonte: IBGE.  
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 6  
**Indicador de difusão do IPCA: mensal e média móvel trimestral**



Fonte: IBGE.  
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Do mesmo modo, a previsão de alta para o INPC em 2023 também foi revista para baixo, passando de 4,5% para 4,2% (tabela 2). Neste caso, enquanto as inflações projetadas para os alimentos no domicílio, bens industriais e os preços administrados recuaram de -0,8%, 2,6% e 9,7% para -1,1%, 1,6% e 9,1%, respectivamente, a taxa esperada para os serviços livres saltou de 5,3% para 5,7%.

TABELA 2  
**INPC: projeção para 2023**  
(Em % e p.p.)

	Peso	Projeção anterior - Setembro/23		Projeção atual -Dezembro/23	
		Previsão da taxa de variação	Contribuição para o INPC 2023	Previsão da taxa de variação	Contribuição para o INPC 2023
Alimentos no domicílio	19,5	-0,8	-0,2	-1,1	-0,2
Bens Livres - exceto alimentos	26,7	2,6	0,7	1,6	0,4
Serviços - totais	28,5	5,3	1,5	5,7	1,6
Serviços - exceto educação	25,0	4,9	1,2	5,4	1,4
Educação	3,5	8,2	0,3	8,2	0,3
Administrados	25,3	9,7	2,5	9,1	2,3
INPC	100,0	4,5		4,2	

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Já para 2024, as projeções do Grupo de Conjuntura indicam que esse processo de decompressão inflacionária deve se manter em curso, tendo em vista que a estimativa de alta tanto para o IPCA (4,0%) quanto para o INPC (3,8%) se encontra em patamares abaixo dos projetados para este ano (tabela 3). De acordo com os modelos adotados, este alívio inflacionário, no próximo ano, virá da desaceleração dos preços administrados e, em menor escala, dos serviços livres. No caso dos preços administrados, as taxas previstas de 4,4% no IPCA e de 4,2% no INPC refletem, sobretudo, a melhora esperada no comportamento dos combustíveis. Para os serviços livres, as altas projetadas de 5,0% e 4,7%, no IPCA e no INPC, repercutem um crescimento mais moderado da demanda, tendo em vista o arrefecimento da atividade econômica estimado para 2024.

Em contrapartida, diante de um desempenho menos favorável dos preços no atacado, os alimentos no domicílio e os bens industriais devem apresentar taxas de inflação mais altas no ano que vem. Em relação aos alimentos no domicílio, além da projeção de uma safra 2,8% menor que a registrada em 2023, impactada pelos efeitos do El Niño sobre a produção de soja e milho, as ondas de calor previstas no primeiro quadrimestre de 2024 também podem prejudicar as plantações de tubérculos, verduras, legumes e frutas. Por conseguinte, as altas projetadas para os alimentos, no próximo ano, são de 3,9% no IPCA e de 4,1% no INPC. Finalmente, a estimativa de uma inflação maior para os bens industriais, cujas taxas previstas são de 2,1% no IPCA e de 1,9% no INPC, decorre, em grande parte, de uma recuperação dos preços dos bens de consumo duráveis, reverberando uma melhora nas condições de crédito e no nível de endividamento das famílias.

TABELA 3  
**IPCA e INPC: projeção para 2024**  
(Em % e p.p.)

	Peso	Projeção IPCA -2024		Peso	Projeção INPC -2024	
		Previsão da taxa de variação	Contribuição para o IPCA 2024		Previsão da taxa de variação	Contribuição para o INPC 2024
Alimentos no domicílio	16,0	3,9	0,6	19,5	4,1	0,8
Bens Livres - exceto alimentos	23,5	2,1	0,5	26,7	1,9	0,5
Serviços - totais	34,6	5,0	1,7	28,5	4,7	1,3
Serviços - exceto educação	29,7	4,6	1,4	25,0	4,3	1,1
Educação	5,0	7,5	0,4	3,5	7,0	0,2
Administrados	25,9	4,4	1,1	25,3	4,2	1,1
Índice cheio	100,0	4,0		100,0	3,8	

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

## 2 Inflação de alimentos

Os dados mais recentes mostram que a trajetória de inflação dos alimentos no domicílio segue respondendo de modo favorável, o que vem contribuindo significativamente para o processo de descompressão inflacionária em 2023. Por certo, mesmo diante de uma aceleração na margem, no acumulado do ano, a queda dos preços dos alimentos chega a 1,8%, contrastando fortemente com o observado no mesmo período de 2022 (12,4%). Observa-se que na comparação com o ano anterior (tabela 4), dos 16 subgrupos que compõem o segmento dos alimentos no domicílio, apenas o conjunto dos cereais apontou, em 2023, um comportamento pior que o registrado no ano anterior.

TABELA 4

### IPCA: alimentos no domicílio por segmentos

(Variação acumulada no ano, em %)

	Jan.-Nov./22	Jan.-Nov./23
Alimentação no domicílio	12,42	-1,83
Cereais, leguminosas e oleaginosas	4,03	8,49
Farinhas, féculas e massas	21,07	0,27
Tubérculos, raízes e legumes	32,57	-11,24
Açúcares e derivados	9,44	6,69
Hortaliças e verduras	13,73	21,31
Frutas	26,00	4,80
Carnes	1,20	-9,87
Pescados	2,81	2,60
Carnes e peixes industrializados	3,80	-2,48
Aves e ovos	7,68	-7,58
Leite e derivados	24,19	-2,26
Panificados	19,71	2,89
Óleos e gorduras	6,33	-16,41
Bebidas e infusões	10,65	2,20
Enlatados e conservas	13,35	3,28
Sal e condimentos	13,47	5,21

Fonte: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

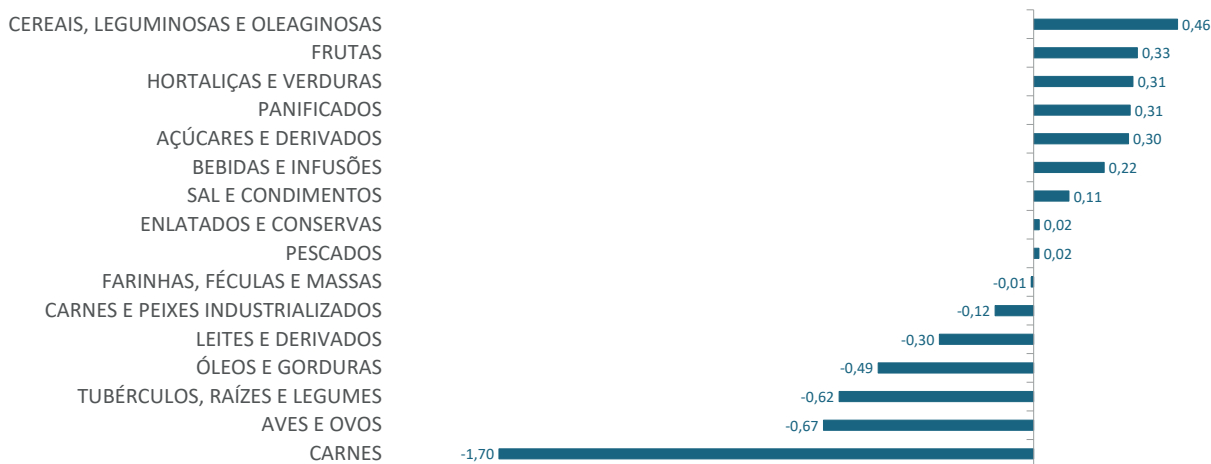
Com efeito, a abertura desse grupo por segmentos (gráfico 7) revela que as maiores pressões, em 2023, vieram dos reajustes dos cereais (0,46 p.p.), das frutas (0,33 p.p.), das hortalças (0,31 p.p.) e dos panificados (0,31 p.p.). Em contrapartida, o impacto vindo das quedas nos preços das carnes (-1,7 p.p.), das aves e ovos (-0,67 p.p.) e dos tubérculos (-0,62 p.p.) foram os principais pontos de alívio sobre a inflação dos alimentos nos últimos onze meses.

Dessa forma, tendo em vista que o comportamento dos preços dos alimentos registrado no último trimestre veio melhor que o esperado anteriormente, e levando-se em consideração que os preços agrícolas no atacado ainda apontam forte deflação (-14,7%), a projeção de inflação dos alimentos no domicílio, em 2023, no IPCA, feita pelo Grupo de Conjuntura do Ipea, foi novamente revista para baixo, recuando de -0,7% para -1,0%. No caso do INPC, a variação projetada também foi amenizada, passando de -0,8% para -1,1%.

Para 2024, mesmo diante uma trajetória que combina estabilidade de *commodities* agrícolas e da taxa de câmbio, espera-se uma aceleração dos preços dos alimentos tanto no atacado quanto no varejo. Por certo, além de uma projeção de safra 2,8% menor que a observada em 2023, os impactos do El Niño também podem prejudicar a produção de frutas, verduras e legumes, gerando uma pressão adicional sobre os preços dos alimentos. Deste

modo, as altas projetadas para a inflação desse grupo, em 2024, medida pelo IPCA, é de 3,9%, enquanto para o INPC, a taxa estimada é de 4,1%.

GRÁFICO 7  
Alimentos no domicílio: maiores contribuições no ano (jan./nov. 2023)  
(Em p.p.)



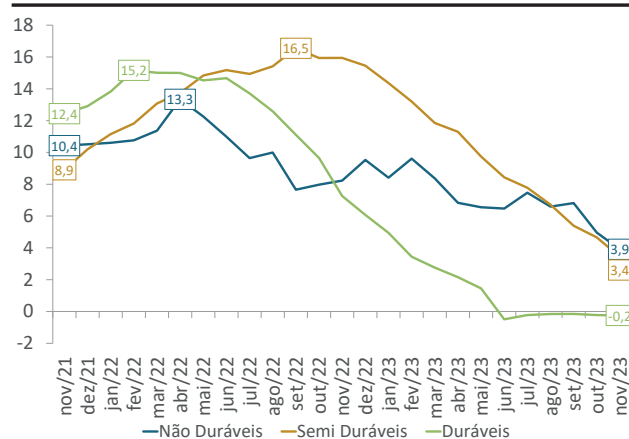
Fonte: IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

### 3 Inflação de bens e serviços

Ao longo de 2023, os bens industriais registram uma trajetória de desaceleração contínua, de tal forma que, no acumulado em doze meses, até novembro, a inflação desse segmento é de apenas 2,0%, repercutindo, sobretudo, a deflação de -0,2% dos bens duráveis, além de uma melhora no comportamento dos bens semiduráveis e não duráveis (gráfico 8). Já no acumulado do ano, a alta de apenas 0,8% dos bens industriais ficou bem abaixo da registrada no mesmo período de 2022 (8,3%).

Os dados desagregados revelam que, no acumulado do ano, os bens duráveis registram queda de 0,54%, refletindo, especialmente, o recuo de 3,9% dos preços dos eletroeletrônicos (tabela 5). De fato, além da melhora no comportamento dos preços das matérias primas, o ainda elevado patamar da taxa de juros e o alto nível de endividamento das famílias vem inibindo uma retomada mais acentuada da demanda nesse setor, impedindo, por conseguinte, reajustes de preços mais fortes. De forma análoga, no ano, as altas observadas dos bens de consumo semiduráveis (2,0%) e dos bens não duráveis (1,6%) também mostram forte recuo quando comparadas com as taxas obtidas no mesmo período de 2022 – 13,9% e 7,1%, respectivamente.

GRÁFICO 8  
IPCA: taxa de variação acumulada em doze meses – bens de consumo  
(Em %)



Fonte: IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

TABELA 5

**IPCA: bens de consumo industriais por segmentos**

(Variação acumulada no ano, em %)

	Jan.-Nov./22	Jan.-Nov./23
<b>Bens de consumo duráveis</b>	5,8	-0,5
Mobiliário	16,5	3,2
Eletroeletrônicos	2,2	-3,9
Automóveis	7,9	2,6
Motocicleta	13,3	4,2
<b>Bens de consumo semiduráveis</b>	13,9	2,0
Utensílios e enfeites	4,0	-1,5
Cama, mesa e banho	6,0	-0,7
Vestuário	16,2	2,2
<b>Bens de consumo não duráveis</b>	7,1	1,6
Artigos de reparo na residência	7,7	2,3
Artigos de limpeza	18,0	1,3
Artigos de higiene	12,6	3,1

Fonte: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

No caso dos serviços livres, observa-se que mesmo diante de um recuo gradativo, a inflação desse grupo ainda mostra certa resiliência. Por certo, embora, no acumulado do ano, a inflação de serviços aponte alta de 5,6%, situando-se 1,5 p.p. abaixo da observada no mesmo período de 2022 (tabela 6), essa desaceleração vem ocorrendo de modo mais ameno que o esperado. A abertura por segmentos (gráfico 9) mostra que os principais pontos de pressão inflacionária sobre os serviços, em 2023, vieram dos reajustes dos serviços de educação (8,0%) e dos serviços pessoais e de recreação (4,9%).

TABELA 6

**IPCA: serviços livres por segmentos**

(Variação acumulada no ano, em %)

	Jan.-Nov./22	Jan.-Nov./23
<b>Serviços totais</b>	7,1	5,6
Serviços de Alimentação	6,9	4,8
Serviços Residenciais	7,6	4,4
Serviços de Transportes	15,4	7,6
Serviços Médicos	7,2	5,4
Serviços pessoais e de recreação	7,4	4,9
Serviços de Educação	7,4	8,0
Serviços de Comunicação	-1,6	5,4

Fonte: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

A partir desse cenário que conjuga um comportamento recente ainda melhor para os preços dos bens industriais, as previsões do Grupo de Conjuntura da Dimac do Ipea para a inflação desse segmento, em 2023, tanto no IPCA quanto no INPC, foram revistas para baixo. No caso do IPCA, a alta projetada foi reduzida de 2,2% para 1,3%. Já para o INPC a taxa estimada recuou de 2,6% para 1,6%. Para 2024, entretanto, espera-se uma leve aceleração desse grupo de bens, tendo em vista que o processo de alívio monetário em curso, aliado à melhora no nível de endividamento das famílias, decorrentes do programa Desenrola, deve proporcionar uma retomada mais acentuada da demanda desse segmento. Por conseguinte, as projeções para os bens industriais são de 2,1%, no IPCA, e de 1,9%, no INPC.



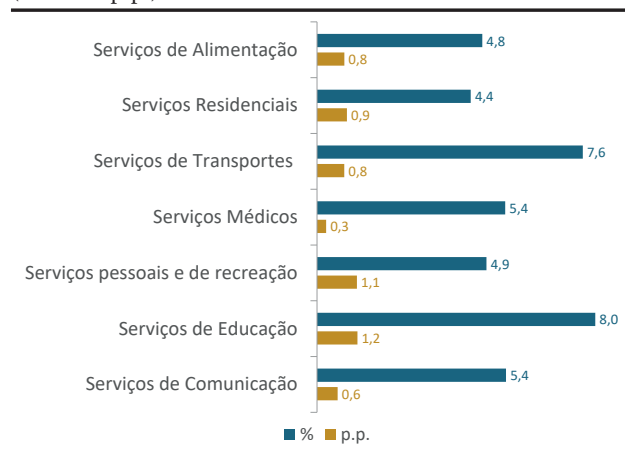
Em contrapartida, a queda menos intensa que a esperada para os serviços livres, exceto educação, no último trimestre, encerrado em novembro, explicada, em grande parte, pela alta de 67,2% das passagens aéreas no período, fez com que as projeções de inflação desse grupo, para 2023, fossem revistas para cima. Enquanto a taxa prevista no IPCA avançou de 4,6% para 5,5%, a taxa no INPC passou de 4,9% para 5,4%. Já para 2024, os modelos de previsão da Dimac indicam uma desaceleração da inflação dos serviços livres, refletindo a melhora no comportamento tanto dos serviços educacionais quanto dos demais segmentos. No IPCA, a alta estimada para os serviços totais é de 5,0%, repercutindo a alta 7,5% dos serviços de educação e de 4,6% dos demais serviços livres. No INPC, a taxa de inflação projetada é de 4,6%, contemplando uma alta de 7,0% dos serviços educacionais e de 4,3% dos demais serviços.

#### 4 Inflação de preços monitorados

Em que pese uma melhora nos últimos dois meses, a alta dos preços dos bens e serviços administrados se constituiu no principal foco inflacionário da economia brasileira em 2023. No acumulado do ano, esse grupo registra alta de 8,8%, atingindo patamar bem acima do observado no mesmo período de 2022 (-4,1%). Se por um lado, grande parte dessa aceleração, ao longo do ano, já estava contratada por conta da reoneração dos combustíveis, por outro, os fortes reajustes das tarifas de energia elétrica e dos planos de saúde pressionaram ainda mais esse segmento (gráfico 10).

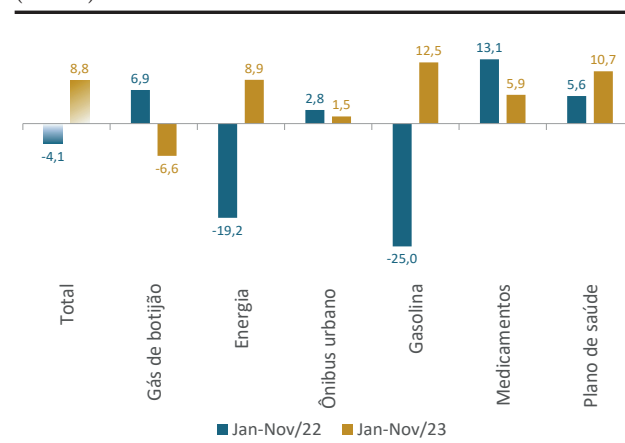
Deve-se registrar, no entanto, que com a melhora no comportamento dos preços internacionais do petróleo, aliada à recente apreciação cambial, possibilitou uma queda nos preços da gasolina, em outubro e novembro, gerando um alívio inflacionário nesse conjunto de bens e serviços. Por conseguinte, as projeções de inflação para os preços administrados em 2023 foram revistas para baixo, de modo que a altas projetadas no IPCA e no INPC recuaram de 10,0% e 9,7% para 9,2% e 9,1%, respectivamente. Para 2024, as estimativas de inflação para esse segmento são de 4,0%, no IPCA, e de 3,7%, no INPC.

GRÁFICO 9  
**IPCA: inflação acumulada de serviços livres – variação e contribuição (jan./nov. 2023)**  
 (Em % e p.p.)



Fonte: IBGE.  
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 10  
**IPCA: inflação de preços monitorados – variação acumulada no ano**  
 (Em %)



Fonte: IBGE.  
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

**Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac):**

Claudio Roberto Amitrano (Diretor)

Mônica Mora y Araujo (Coordenadora-Geral de Estudos e Políticas Macroeconômicas)

**Corpo Editorial da Carta de Conjuntura:**

Julia de Medeiros Braga (Editora)

Estêvão Kopschitz Xavier Bastos

José Ronaldo de Castro Souza Júnior

Leonardo Mello de Carvalho

Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti

Maria Andréia Parente Lameiras

Mônica Mora y Araujo

Sandro Sacchet de Carvalho

Sergio Fonseca Ferreira

**Pesquisadores Visitantes:**

Andreza Aparecida Palma

Cristiano da Costa Silva

Debora Mesquita Pimentel

Sidney Martins Caetano

**Equipe de Assistentes:**

Alexandre Magno de Almeida Leão

Caio Rodrigues Gomes Leite

Camilla Santos de Oliveira

Diego Ferreira

Izabel Nolau de Souza

Marcelo Lima de Moraes

Tarsylla da Silva de Godoy Oliveira

**Design/Diagramação:**

Augusto Lopes dos Santos Borges

Leonardo Simão Lago Alvite

---

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério do Planejamento.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas..